

SÍMBOLOS E CULTURA NOS CONTOS AFRO-BRASILEIROS DE MESTRE DIDI

Antonio Marcos dos Santos Cajé¹

Resumo: Pretendemos, com este trabalho, apontar e interpretar o papel dos símbolos e signos através da visão cultural dos contos de Mestre Didi. Entretanto, não se trata de símbolos que estão ocultos nas narrativas dos contos, mas de elementos intrínsecos a elas, que se investem de valores simbólicos para a cultura e a história. A motivação que instigou a construção tanto deste artigo como da pesquisa subjacente foi o interesse em relação aos elementos dos contos nas ações populares das tradições orais que surgem, conforme a leitura, no discurso narrativo da obra de Mestre Didi. O sistema simbólico permite abarcar os olhares epistemológicos e o senso comum pelos quais estes símbolos e signos trazem representações do inconsciente coletivo de um povo.

Palavras-chave: Cultura afro-brasileira. Símbolos. História. Tradição.

SYMBOLS AND CULTURE IN AFRO-BRAZILIAN MASTER DIDI TALES

Abstract: We intend with this work, point and interpreting the role of symbols and signs through the cultural vision of the Master Didi tales. However, this is not about symbols that are hidden in the narratives of the stories, but intrinsic elements to them, which are invested with symbolic values for culture and history.

¹ Mestrando em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Colaborador da Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil (SECNEB). Escritor da obra: *Afrocontos: Ler e ouvir para transformar*. Endereço eletrônico: marcoscaje8@gmail.com.

The motivation that prompted the construction both this article and the underlying research was the interest in relation to the elements of the stories in the popular actions of oral traditions that emerge as reading, the narrative discourse of the Master Didi work. The symbolic system allows encompass epistemological looks and common sense by which these symbols and signs bring representations of the collective unconscious of a people.

Keywords: African-Brazilian culture. Symbols. History. Tradition.

Introdução

Todos os povos sempre narraram suas histórias pelos contos e pelos mitos, mesmo quando não havia escrita. No entanto, havia a oralidade como mecanismo substancial que agregava valores ao movimento social de cada povo, e suas memórias eram preservadas. E essas histórias guardam a cultura. Discutiremos, no presente artigo, os símbolos e signos presentes nas narrativas literárias dos contos de Mestre Didi, de modo genérico, uma vez que existem noventa e quatro contos do referido autor, distribuídos nos livros: *Contos crioulos da Bahia* (sessenta e cinco contos); *Contos negros da Bahia e contos de Nagô* (vinte quatro contos); *Porque Oxalá usa Ekodidé*; *História da Criação do Mundo*; *Autos Coreográficos Mestre Didi* (dois contos); *A chuva de poderes*.

A compreensão da palavra símbolos tem sua origem no Latim *Symbolum*, que significa “marca, símbolo”. Este, por sua vez, é derivado do grego clássico *Simbolon*, “senha garantia”. Esta palavra grega é formada por *SYN*, que significa junto, e *BALLEIN*, que tem o significado de “lançar, arremessar, atirar”, sua tradução literal seria “atirar junto”. É algo que representa uma ideia, uma entidade física ou um processo. Já o signo indica alguma coisa, e representa o próprio símbolo como marca. Diante dessas compreensões sucintas a respeito

dos termos *símbolos* e *signos*, será feita análise dos mesmos nos contos de Mestre Didi. No entanto, este exame será muito mais amplo, mais denso, já que diante dos contos existe a história cultural que carrega percepções de um povo africano e dos afrodescendentes, pois os contos contam muito mais que fábulas: eles contam a historiografia e a diáspora.

Analisar os contos literários de Mestre Didi possibilita ampliar a cultura e descortinar os elementos da história com a junção da literatura, com proporção de multirreferencialidades históricas dos saberes ocultos e às vezes silenciados nas narrativas dos contos. Sendo que muitas dessas literaturas narradas nas escritas e na oralidade guardam os símbolos e signos que se manifestam como acervo da cultura e seus personagens literários retratam parte do real e do imaginário.

Os contos, enquanto material histórico, mescla realidade e invenção enveredando por um caminho fantástico, ao tempo em que absorvem a história e cultura através de tradições orais e de sujeitos como autores e atores. A interpretação simbólica dos contos permite perceber, pelo viés da literatura, uma estrutura que ultrapassa o ato de simplesmente ler, propiciando a construção de uma interpretação histórica.

Compartilhando com o ponto de vista de Robert Darn-ton (2014, p. 26), ousou transcrever uma longa citação:

A generosa visão do simbolismo que tem Bettelheim fornece uma interpretação menos mecanicista do conto do que a resultante do conceito de código secreto que tem Fromm, mas também decorre de algumas crenças não questionadas quanto ao texto. Embora cite comentaristas de Grimm e Perrault em número suficiente para indicar alguma consciência do folclore como disciplina universitária, Bettelheim lê “Chapeuzinho Vermelho” e os outros contos como se não tivessem história alguma. Aborda-os, por assim dizer, horizontalizados, como pacientes num divã,

numa contemporaneidade atemporal. Não questiona suas origens nem se preocupa com outros significados que possam ter tido em outros contextos, porque sabe como a alma funciona e como sempre funcionou. Na verdade, no entanto, os contos populares são documentos históricos. Surgiram ao longo de muitos séculos e sofreram diferentes transformações, em diferentes tradições culturais. Longe de expressarem as imutáveis operações do ser interno do homem, sugerem que as próprias mentalidades mudaram. [...]

Diante do exposto acima, os símbolos nos contos comunicam a história cultural de uma nação ou de uma etnia. Nos contos de Mestre Didi, a ancestralidade do povo nagô está implícita pelos contos de procedência “do sagrado, sejam eles escritos ou orais, que são relatos vivos dos deuses se relacionando com o indivíduo em todas as esferas interpessoais e místicas” (CAJÉ, 2014). Os símbolos e signos articulam-se de maneira sublime, tanto na escrita como na oralidade, como é possível perceber na assertiva abaixo:

A interpretação do símbolo, uma vez descoberto seu nexos ontogenético, seu ou seus referentes, permite-nos tornar explícita a realidade fática. Já dissemos que não entendemos o símbolo com um significado constante; sua interpretação está sempre em relação a um contexto. Sua mensagem está em função de outros elementos (SANTOS, 2008, p. 23).

Os símbolos nos contos possuem fins peculiares e pertinentes ao homem, pois mesmo que ora estejam ocultos, ora desvelados, manifestam-se como dinamizadores da cultura, tornando-se mecanismos de evidências e sinais para a história. Como afirma Ginzburg “poderíamos comparar os fios que compõem esta pesquisa aos fios de um tapete. Chegando a este ponto, vemo-los a compor-se numa trama densa e homogênea” (GINZBURG, 1989), já que os símbolos e signos encontrados nos contos fazem o indivíduo observar

suas necessidades, caso existam, e distinguir variantes culturais e ao mesmo tempo (re)construir uma identidade. A própria concepção do conto por si só já pode ser compreendida como símbolo-signo — uma unidade completa — e quando nos deparamos com a leitura e suas interpretações, usamos esse objeto como unidade simbólica ou uma representação simbólica.

O nível da interpretação simbólica permitiu-me penetrar, abarcar e tornar inteligível certos aspectos dos dados fatuais que não poderia ter apreendido de outra forma. É particularmente frutuoso, quando aplicado a uma disciplina consagrada ao estudo das “ações não-poéticas”, de ritos, formalizações, dramatizações... artes não aplicadas (LANGER apud SANTOS, 2008, p. 25).

Como foi comentado no início deste texto, lançaremos um olhar epistemológico dos símbolos e signos nos contos de Mestre Didi, sendo que utilizaremos mais adiante dois contos para revelar alguns elementos revelados. Como é do conhecimento de todos, as culturas africanas foram encaminhadas para o Brasil pelos escravizados que foram arrancados e massacrados desde a chegada dos portugueses, a partir da descoberta do país.

Na sua transatlântica viagem feito animais, os negros trouxeram consigo valiosos bens que proporcionaram ao Brasil a cultura como é hoje; e nessa diáspora vigiada, acorrentada, humilhada, eles também possibilitaram a construção da memória imaterial das narrativas orais, que possuem signos e símbolos. E a partir da dinâmica dos contos, passamos a conhecer o sistema cultural deste homens e mulheres; suas guerras; seus reis com suas nações; sua religião de matizes africanas e seu panteão; seus mitos; enfim, tudo isto está presente nos contos de Mestre Didi.

O conto que passa pelo tempo que passa por nós

A vendedora de Açaças que ficou Rica

Em uma cidade existia uma senhora que há muitos anos vendia açaçá e mingau pela manhã.

Já se achando muito cansada, um dia, ela resolveu ir à casa do Babá Ifá pra saber o que ela devia fazer para deixar de vender mingau e açaçá, e viver mais descansada para o resto da vida, pois já estava um mucado velhinha.

Depois de feita a consulta, Ifá disse para ela:

— Você me traga uma galinha, um porco, enfim tudo o que lhe ocorra pela cabeça.

Imediatamente ela saiu para dar as providências, a fim de conseguir as coisas, o mais depressa possível, para levar ao Babá Ifá, pois queria se ver livre daquela vida de qualquer jeito. Logo que conseguiu tudo que lhe pareceu suficiente para o trabalho que Ifá ia fazer, foi levar. Depois de feita a entrega, Ifá disse para ela:

— Vá, minha filha, dentro de sete dias vai terminar a grande guerra que está sendo travada pelo general Ogun, muito perto daqui; na volta dele, você terá a recompensa merecida, obtendo uma melhor posição na vida, por todos estes anos que vem ajudando à alimentação de todo o povo desta cidade com seu açaçá e com seu mingau.

A velhinha foi-se embora e recomeçou a fazer seu mingauzinho com os açaçás. Quando completou sete dias, ela já nem se lembrava mais do que tinha feito, nem do que lhe tinha dito Ifá, quando viu e ouviu uma zoadada e um bocado de soldados que vinham em sua direção com muitos gritos de satisfação, vivas e toques de tambores, parando em frente ao lugar onde ela estava vendendo. Nisto, um deles, que era o general Ogun, e que estava comandando toda aquela gente vinda da guerra com muita fome, chegou junto dela com todo o pessoal dizendo:

— Minha velhinha, não morremos na guerra, será que vamos morrer aqui com fome?

Em reposta, ela prontamente, de muito bom grado, mandou todos se sentaram e começou a servir um por um.

Terminada a refeição, Ogun que não tinha dinheiro nenhum para pagar o almoço, pois devorara com os companheiros tudo o que foi de comer da velhinha, pontual como era, dividiu com ela de tudo o que trazia de saques da guerra, ficando assim a vendedora de açaçás e mingau riquíssima, de surpresa. Esta transferência foi divulgada por todos os lugares do mundo (SANTOS, 2008, p. 111).

A análise do conto acima levando-se em consideração os símbolos e signos nos remete à perspectiva da literatura pela história, já que possui elementos culturais bastante relevantes. Observa-se que o sagrado está simbolizado pelo oráculo *Ifá*, que pelo axé (energia dinâmica) possibilita à velhinha uma vida melhor. No entanto, essas energias ou *Asé* (axé — energia dinâmica elementar da vida) precisam ser doadas para serem recebidas, neste caso, pela oferenda, pois os signos do açaçá e do mingau são elementos genéricos que alimentam a vida, ou seja, o indivíduo.

É possível também observar no contexto do conto a posição social que simboliza força e hierarquia, quando *Ogun* aparece como general e não como *Orixá*, e os soldados surgindo de um conflito que é a guerra.

Metaforizando as inúmeras possibilidades que este conto oferece no bojo de sua narrativa, ao ser lido por cada pessoa, seus símbolos e signos contribuem como um elo essencial e necessário para as relações sociais e culturais, como a relação da velha com o sagrado e com a generosidade; e a recompensa no final: a riqueza.

Os contos populares, como diz Darnton (2014, p.26) “são documentos históricos”. Surgiram ao longo de muitos séculos e sofreram diferentes transformações, em diferentes tradições culturais”. Observando o conto de Mestre Didi aci-

ma, nota-se que a vivência com o mundo místico era algo que estava presente constantemente na vida dos homens e mulheres; e seria como algo propulsor na sociedade, como um seguro social que alimenta a fé.

Assim como o mingau e o acaçá alimentam o corpo, a fé alimentava ou alimenta ainda hoje a ideia de cosmovida, enquanto ser humano e divino se entrelaçam através do signo que é o jogo oracular. A velhinha representa a ancestralidade do povo africano e dos afrodescendentes, evidenciando a dicotomia do mágico/real. O fio condutor deste conto é a relação do imaginário com a tradição dos acontecimentos na sociedade.

Os personagens dos contos com suas múltiplas facetas, destacando-se a literária e a histórica, possuem uma função que é guardar os signos e símbolos culturais dos afrodescendentes. Assim sendo, essa simbologia nutre as mais variadas formas de comunicação que compõem os variados matizes da diversidade e riqueza da cultura afro-brasileira.

Podemos entender que a função simbólica dos contos está velada e se manifesta no processo de sociabilidade; funcionando, assim, o entendimento pela comunicação. Os contos de Mestre Didi são constituídos de variados elementos, desde a sua formação religiosa, como *Asipá*, *Alapini*, sacerdote supremo do culto aos *Baba-egun*. Como artista plástico e homem negro, seus contos trabalham com a diversidade humana, pois são escritos que se baseiam nos símbolos do sincretismo, nos contos fabulados e cosmogônicos (contos baseados nos mitos), nas próprias relações sociais, pois muitos contos possuem visões da história cultural, seja da Bahia (principalmente do recôncavo baiano), seja dos contos africanos da diáspora.

Como alguns dos principais alicerces da cultura, temos os símbolos e signos; a linguagem e os costumes; e outras composições axiológicas que também, obviamente, alimen-

tam o sistema dinâmico das relações humanas. É através dos símbolos e signos, que compreendem a ideia central do artigo, que somos direcionados a uma magnífica compreensão da cultura. Por exemplo, retomando o personagem do conto acima — *Ogun* — que simboliza o homem forte que traz consigo a vitória e a força, pois na tradição cultural do panteão *ioruba*, expressar símbolos é conotação de existência, tantos para os ancestrais quanto para os que vivem.

A cultura é o movimento da ancestralidade, e a ancestralidade é como um tecido produzido no tear africano: na trama do tear está o horizonte do espaço; na urdidura do tecido está a verticalidade do tempo. Entrelaçando os fios do tempo e do espaço cria-se o tecido do mundo que articula a trama e a urdidura da existência. A ancestralidade é um tempo difuso e um espaço diluído. Evanescente, contém dobras. Labirintos desdobram-se no seu interior e os corredores se abrem para o grande vão da memória. A memória é precisamente os fios que compõem a estampa da existência (OLIVEIRA, 2007, p. 245).

Na citação acima, nota-se claramente a importância de tecer nossa ancestralidade como cultura que se processa no tempo e espaço: no conto, a personagem da *Velhinha* é a personificação da mulher como elemento que simboliza a ancestralidade feminina que trabalha, que manuseia o alimento que, por sua vez, é fonte para a vida humana; ademais, a comida é a ponte para o diálogo com *Ogun*, já que sacia sua fome e dos seus soldados.

A ancestralidade está representada neste conto e em vários outros de Mestre Didi, pois é na mesma que se encontra a força das histórias da tradição oral e também a história como fonte literária e documental de um povo ou de uma nação: é essa ancestralidade que alicerça a cultura iorubana e outras do continente africano.

Os contos ilustram o acervo de textos místicos, acontecimentos históricos (inclusive os ocorridos na órbita da sociedade global com seus integrantes) que, marcados por sua intemporalidade narrativa e sua característica fantástica de representações, reforçam e ensinam os padrões e valores indicativos dos comportamentos necessários à coesão do grupo, os contos narrados ilustram o significado de conhecimento e de moral das diversas representações simbólicas que ensinam e dirigem a socialização (LUZ, 2011, p. 95).

Na assertiva acima, pode-se perceber a afirmação da importância das narrativas dos contos, com seus emblemas e sinais, já que elas evidenciam a cultura de um povo; e nos contos de Mestre Didi essa cosmovisão assegura e promove a comunicação e socialização pelas diversidades, sendo por meio deste sistema simbólico que surgem as relações nas quais a linguagem se manifesta, juntamente com a literatura e a história.

Os símbolos e signos guardiões da memória

Mas entre os Gregos, da mesma forma que a memória escrita se vem acrescentar à memória oral, transformando-a, a história vem substituir a memória coletiva, transformando-a, mas sem a destruir. Divinização e, depois laicização da memória... (LE GOFF, 1990, p. 438).

A memória, sem dúvida, ao aliar-se aos símbolos e signos, representa a forma constituída do progresso do indivíduo; seja pelo seu passado ou pelo futuro, não de maneira anacrônica, mas de maneira intrínseca aos elementos aos quais se possibilita a se mostrar ou a lembrar. Salientando que a concepção de memória de Le Goff matura-se na ideia dos contos de Mestre Didi, que partem do princípio da escrita para a oralidade, ou vice-versa; a centralidade deste aspecto

é que a memória é compilação de informações, ou seja, são documentos que nos fazem entrar em contato com nossa ancestralidade e nossa cultura; é fazer lembrar o que foi esquecido e fortalecer o que é lido e lembrado.

E os contos de Mestre Didi trabalham muito bem com a memória e com o conceito teórico de memória de Le Goff: essas memórias são passagens das tradições orais Nagô para a escrita. Sendo transmitida assim, a memória coletiva permeada por influências divinas (da religião de matrizes africanas), são memórias que asseguram com ênfase a história do povo negro e da diáspora. Nesse contexto, os símbolos são principalmente elementos que promovem a interseção ou a encruzilhada documental dos contos, como processo de acervo histórico conservado pela memória.

Os símbolos, mais que os signos, são marcantes e se relacionam com mais movimento: os símbolos do *acaçá* e do mingau, além de representar alimento, trazem a ideia da afetividade. O mingau, por exemplo, lembra o carinho e a proteção; já o *acaçá* é um símbolo que representa o alimento que, a seu turno, simboliza uma língua iorubana: tudo isso entremeado por uma dicotomia entre o sagrado que alimenta os Orixás e a ideia de um símbolo forte.

A luz emitida pelos contos afro-brasileiros, de maneira genérica, e principalmente através dos contos de Mestre Didi, elucida a cultura por vários feixes: desde os afrodescendentes e das culturas africanas, como um processo narrativo que se relaciona a partir da singularidade ao plural, fortalecendo a história oral. É pelo sistema simbólico e dos signos que os contos narram, como acervo documental que se utiliza da literatura como mecanismo organizador, sendo um patrimônio imaterial da cultura.

Mestre Didi vai mesclando a cultura, o cotidiano e o sagrado nos seus contos, com reflexões simbólicas que reconstroem a busca pela diversidade. A função do símbolo é,

nos contos de acervo, manter vivos os costumes de um povo. Em muitos dos seus contos, os signos são logo revelados; e já em outros contos eles se mantêm ocultos, como assim deve ser! Os símbolos, de maneira alguma parecem isolados; pelo contrário, o símbolo une-se a uma determinada cultura e nesse caso, como estudamos no conto de Mestre Didi, a cultura está fortemente baseada na diáspora, dando lugar a uma composição simbólica.

Quando analisamos ou estudamos os símbolos e signos nas narrativas de Mestre Didi, é necessário fazer a comunicação entre as relações estabelecidas na narrativa lida, já que o símbolo por ele mesmo não se revela, não se manifesta como tal. Para que o símbolo, de maneira genérica, seja revelado é necessário aplicá-lo a um fato ou a um sistema que se comunique ao objeto; neste caso pode ser pelas vias da cultura, pelo sagrado ou pela ética e moral; e isto está bastante presente nos contos de Mestre Didi.

Os contos são meios de acesso ao saber e ao conhecimento, independentemente de serem narrativas do imaginário fantástico ou contos baseados em fatos reais, visto que o sistema simbólico dos contos africanos está presente nas relações de poder. Portanto, para a compreensão de um ou mais símbolos, é necessário que o leitor(a) desenvolva uma análise intercultural, pois há variações na interpretação dos contos escritos ou orais. Para que não ocorra um equívoco na interpretação desses contos pelo viés dos símbolos; neste caso é de profunda importância saber sobre a cultura que alicerça a sua narrativa: como já mencionamos anteriormente, a cultura a qual Mestre Didi se apega está fundamentada nas raízes afro-brasileiras e africanas.

Haja vista que os símbolos abarcam a subjetividade, sendo assim um produto do ponto de vista de quem lê, é óbvio que não podemos limitar a fonte de interpretação do leitor(a), pois a leitura é um processo inesgotável. Por outro lado, é importante ficar atento ao que o símbolo relata, dire-

cionando seus significados. Neste caso, deixamos claro que a análise dos símbolos e signos nos contos de Mestre Didi deve ser feita observando o entrelaçamento daqueles com sua cultura subjacente: costumes, valores e a própria religiosidade do sagrado.

Considerações finais

O conto “*A vendedora de acaçá*” tem símbolos e signos que se desvelam para tecer a cultura e, a um só tempo, impulsionam com veemência o imaginário fantástico pela literatura. Sem esquecer que eles também empregam a história como ferramenta que torna os contos como documentos históricos, ou seja, os contos populares de Mestre Didi não somente distraem, provocando alegria quando são lidos, eles são também mecanismos historiográficos que possibilitam a compreensão da diáspora e da cultura dos povos negros.

É importante salientarmos que a literatura dos contos de Mestre Didi ressalta com peculiaridade um estilo que vai do fantástico ao sagrado: uma combinação essencial da interpretação de uma cultura e, principalmente, os contos analisados pelos caminhos dos signos e símbolos proporcionam uma visão da cosmovisão da cultura negra.

Utilizar a lógica e a epistemologia conjugadas com o senso comum dos contos populares, é um modo de formar um sistema dinâmico genérico; é comunicar e apresentar a cultura afro-brasileira como é e como pode ser. A obra literária de Mestre Didi é uma poderosa síntese de impulsos e ideias diversas. Em seus contos encontramos símbolos de interação social, coletivo e cultural.

Referências

CAJÉ, Marcos. *Afrocontos: ler e ouvir para transformar*. Salvador: Quarteto, 2014.

DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

DIDI, Mestre. *Contos crioulos da Bahia: Creole Tales of Bahia: Akójopòltàn Àtenudénuŕan Omo Odùduwànilè Bahia (Brasil)*. Salvador: Núcleo Cultural Níger Okàn, 2004.

DIDI, Mestre. *Yorubá tal Qual se Fala*. Tipografia Moderna, Bahia, 1950.

DIDI, Mestre. *Porque Oxalá usa Ekodidé*. Salvador: Ed. Cavaleiro da Lua, 1966.

DIDI, Mestre. *Xangô, el guerrero conquistador y otros cuentos de Bahia*. Buenos Aires: Ediciones Silva Diaz, 1987.

DIDI, Mestre. *História da Criação do Mundo*. Olinda Ilustração Adão Pinheiro, 1988.

DIDI, Mestre. *Ancestralidade Africana no Brasil, Mestre Didi: 80 anos*. Org. Juana Elbein dos Santos. SECNEB, Salvador, Bahia, 1997, CD-ROM — Ancestralidade Africana no Brasil.

DIDI, Mestre. *Contos negros da Bahia e contos de Nagô*. Salvador: Corrupio, 2003.

DIDI, Mestre. *Autos Coreográficos Mestre Didi, 90 anos*. Org. Juana Elbein dos Santos. Salvador: Corrupio, 2007.

DIDI, Mestre. *História de um terreiro Nagô*. São Paulo: Carthago & Forte, 1994.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. Trad. Federico Caroti. SP: Companhia das Letras, 1989.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

LUZ, Marco Aurélio. *Cultura negra e ideologia do recalque*. Salvador: EDUFBA, 2011; Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

OLIVEIRA, Eduardo David. *Filosofia da ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira*. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

SANTOS, Elbein J. dos. *Os Nagôs e a morte*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

[Recebido: 3 dez. 2015 — Aceito: 1 mar. 2016]